

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE TEXTOS

PLUTARCO

VIDAS PARALELAS

Demóstenes
e
Cícero

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS
MARTA VÁRZEAS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

Plutarco

*Vidas Paralelas:
Demóstenes e Cícero*

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS DE

MARTA VÁRZEAS
Universidade do Porto



Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUJEITOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

TÍTULO • VIDAS PARALELAS - DEMÓSTENES E CÍCERO
TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS: MARTA VÁRZEAS
AUTOR • PLUTARCO

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS - TEXTOS

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: Maria do Céu Fialho

CONSELHO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira
Maria de Fátima Silva

Francisco de Oliveira
Nair Castro Soares

DIRECTOR TÉCNICO: Delfim Leão

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
E-mail: imprensa@uc.pt
Vendas online:
<http://www.livrariadaimprensa.com>

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
www.artipol.net

ISBN
978-989-26-0277-6

ISBN DIGITAL
978-989-26-0288-2

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra

DOI
<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-8281-51-7>

CONCEPÇÃO GRÁFICA & PAGINAÇÃO
Rodolfo Lopes & Nelson Henrique

DEPÓSITO LEGAL
346987/12

PRÉ-IMPRESSÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra

1ª EDIÇÃO: CECH • 2010
2ª EDIÇÃO: IUC • 2012

© JULHO 2012.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classica.digitalia.uc.pt>)
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

ÍNDICE

VIDA DE DEMÓSTENES	
INTRODUÇÃO	11
DEMÓSTENES: ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO E HISTÓRICO	13
DEMÓSTENES SEGUNDO PLUTARCO	21
<i>VIDA DE DEMÓSTENES</i>	31
VIDA DE CÍCERO	
INTRODUÇÃO	79
CÍCERO: ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO E HISTÓRICO	81
CÍCERO SEGUNDO PLUTARCO	90
<i>VIDA DE CÍCERO</i>	101
<i>COMPARAÇÃO ENTRE DEMÓSTENES E CÍCERO</i>	175
BIBLIOGRAFIA	183
ÍNDICE DE NOMES	187

VIDA DE DEMÓSTENES

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

A edição que serviu de base à presente tradução é a de K. ZIEGLER, *Plutarchi Vitae Parallelae*, Leipzig, Teubner, 1959-1971.

INTRODUÇÃO

O nome de Demóstenes ocupa um lugar cimeiro na história da arte oratória. A qualidade e o vigor da sua eloquência eram reconhecidos até pelos adversários seus contemporâneos, mas foram os sábios de Alexandria que, entre os séculos III e II a.C., lhe atribuíram lugar destacado no cânon dos dez oradores áticos, permitindo assim às gerações vindouras o estudo da sua obra e a imitação do seu estilo. Com efeito, os discursos de Demóstenes faziam parte do *corpus* de textos modelares que, ao longo da Época Helenística, deram uma formação de nível superior aos estudantes de retórica.¹ Cícero, educado, como qualquer homem culto da época, pelos moldes da *paideia* helenística, tinha-o como modelo e considerava-o o mais excelso orador em todos os géneros oratórios²; e o autor do *Tratado do Sublime*, provavelmente do século seguinte, aponta-o como paradigma da prosa mais elevada, colocando-o acima dos oradores de todos os tempos³.

Não foram, porém, as qualidades oratórias que despertaram o interesse de Plutarco pela sua figura. A intenção pedagógica e moral que presidiu à composição das biografias de homens ilustres do passado grego e

¹ MARROU (1964: 246) informa que Demóstenes é, juntamente com Homero, Eurípides e Menandro, um dos quatro pilares da cultura clássica que se aprendia nas escolas helenísticas.

² Cícero, *Or.* 104.

³ Cf. Dionísio de Halicarnasso, *Is.*20.

quanta beleza e graça acrescenta ao discurso a arte do actor, chegou à conclusão de que o exercício era pouco ou mesmo nada para quem descurasse a elocução e o arranjo das palavras. 6. Depois disso, construiu uma sala de treino subterrânea – conservada até hoje – para onde ia todos os dias sem excepção aperfeiçoar a declamação e exercitar a voz. Muitas vezes lá permanecia dois ou três meses seguidos, rapando apenas uma parte da cabeça, para que a vergonha o impedisse de sair, mesmo que tivesse muita vontade.

8. 1. Apesar disso, os assuntos que tinha de resolver com os de fora, os encontros e as conversas com eles serviam-lhe de tema e de ponto de partida para a sua actividade. Assim que se separava deles descia à sala de treino e repetia ponto por ponto as questões abordadas e os argumentos discutidos. 2. Além disso, pegava nas ideias que acabara de ouvir e dava-lhes a forma de sentenças e períodos e fazia toda a espécie de correcções e paráfrases do que lhe havia sido dito por outros ou do que ele próprio, por sua vez, lhes dissera. 3. Por essa razão ganhou fama de não ter dotes naturais mas de a sua habilidade e força oratórias resultarem do esforço. A grande prova disto parecia ser não só o facto de ninguém ouvir facilmente Demóstenes falar de improviso, mas também o de que, muitas vezes, sentado na assembleia, ao ser interpelado directamente pelo povo, se recusava a intervir, caso não se tivesse preparado previamente e reflectido sobre o assunto. 4. Muitos oradores o

ridicularizavam por isso, e Píteas¹⁹, por troça, disse que os raciocínios dele cheiravam a mecha de lamparina. A resposta de Demóstenes foi cortante: 5. “A minha lamparina, Píteas, não testemunha as mesmas coisas que a tua.”²⁰ Já a outros ele não negava completamente estas acusações, antes, admitia que os seus discursos não eram nem inteiramente escritos nem totalmente improvisados. 6. Defendia que o respeito pelo povo exigia do democrata a preparação dos discursos, pois a indiferença quanto à opinião da multidão era própria dos oligarcas que preferem a força à persuasão. 7. Dá-se ainda como prova do seu receio do improvisado o facto de que, muitas vezes, quando apupado pela multidão, Demades se levantava prontamente em sua defesa enquanto que ele jamais fez o mesmo por Demades²¹.

9. 1. Então, perguntar-se-á, porque motivo Ésquines²² se lhe refere como o homem mais impressionante no que diz respeito à audácia nas

¹⁹ Orador ateniense, adversário de Demóstenes.

²⁰ Alusão irónica ao modo de vida pouco recomendável de Píteas.

²¹ Político e orador ateniense. Apesar do talento oratório, exaltado por Teofrasto, como dirá mais abaixo Plutarco, não publicou os seus discursos.

²² Ésquines (c. 397- c. 322 a.C.) é outro dos nomes que integra o cânon dos dez oradores áticos. Antes de assumir papel de relevo político em Atenas fora actor de tragédia. Manteve com Demóstenes um conflito que se arrastou por cerca de vinte anos, pois, ao contrário deste, defendia uma aproximação à Macedónia. É no seu discurso *Contra Ctesifonte* (152) que se encontra esta opinião acerca de Demóstenes.

palavras? E como é que, quando Píton de Bizâncio²³ proferiu uma torrente de insultos contra os Atenienses, ele foi o único a levantar-se e a responder-lhe? E quando Lâmaco de Esmirna leu em Olímpia o seu encómio dos reis Alexandre e Filipe no qual dizia muito mal dos Tebanos e dos Olíntios, como é que Demóstenes se levantou e apresentou pormenorizadamente, por meio de provas históricas, as belas acções prestadas pelos Tebanos e pelos Calcidenses à Hélade e, ao contrário, todos os males de que foram responsáveis os aduladores macedónios, tendo de tal maneira virado a assistência que o sofista, receando o tumulto, se escapou secretamente da assembleia? 2. Tendo Péricles como modelo, Demóstenes, ao que parece, não procurava imitar todas as suas qualidades mas apenas aqueles aspectos nos quais julgava residir a sua grandeza, a saber, a entoação, a postura e ainda o hábito de não falar depressa nem improvisar sobre qualquer assunto. Além disso, rejeitava o êxito momentâneo, não consentindo que a sua força oratória dependesse do acaso. 3. No entanto, a crer em Eratóstenes, Demétrio de Faleros²⁴ e nos Cómicos, os discursos proferidos mostravam

²³ Enviado em 343 a.C por Filipe para negociar com Atenas a revisão do tratado de paz de Filócrates de 346.

²⁴ Geógrafo, matemático, astrónomo, Eratóstenes de Cirene (séc. III a.C.) foi um dos mais notáveis eruditos da Biblioteca de Alexandria que ele próprio dirigiu no reinado de Ptolomeu III Evérgeta. Demétrio de Faleros (séc. IV-III a.C.), discípulo de Aristóteles, foi um filósofo peripatético e trabalhou na Biblioteca de Alexandria nos tempos da sua fundação (297). Foi também homem de estado, tendo governado Atenas durante dez anos, entre 317 e 307, por ordem de Cassandro, filho de Antípatro, um dos generais de Alexandre.

mais audácia e segurança do que os escritos. 4. Com efeito, Eratóstenes diz que, quando falava, Demóstenes era muitas vezes transportado por um furor báquico; e o homem de Faleros afirma que, certo dia, como que inspirado por uma divindade, ele proferiu perante o povo este juramento em verso:

“Pela terra, pelas fontes, pelos rios, pelos riachos”.²⁵

5. Um dos Cómicos chama-lhe tagarela e um outro, brincando com o uso que ele fazia da antítese, diz:

“Como retomou, tomou.

Demóstenes gostaria de ficar com esta frase.”

6. Este gracejo de Antífanes²⁶ refere-se provavelmente ao discurso sobre Haloneso, no qual Demóstenes, jogando com as palavras, aconselhou os Atenienses não a tomarem a ilha mas a retomarem-na a Filipe.

10. 1. À parte isto, todos concordavam que Demades era invencível no uso dos dotes naturais e que os seus improvisos ultrapassavam os discursos preparados e reflectidos de Demóstenes. 2. Aríston de Quios transmitiu uma opinião de Teofrasto acerca de ambos os oradores²⁷. Quando lhe perguntaram que tipo

²⁵ Em grego este verso forma um trímetro iâmbico, metro utilizado na tragédia.

²⁶ Cf. *supra* n.9.

²⁷ Aríston de Quios (séc. III a.C.) foi um filósofo estóico, discípulo de Zenão. Teofrasto (séc. IV-III a.C.) foi o mais distinto

de orador lhe parecia ser Demóstenes, respondeu: “é digno da cidade”. E sobre Demades disse: “está acima da cidade.” 3. O mesmo filósofo conta que Polieucto de Esfeto, um dos políticos de Atenas nessa época, declarava que Demóstenes era o maior orador, mas Fócion o mais habilidoso²⁸, porque era capaz de pôr mais conteúdo na expressão mais curta. 4. E dizem que até Demóstenes, sempre que Fócion subia à tribuna para o refutar, dizia aos seus amigos: “Eis que se levanta o cutelo das minhas palavras.” 5. Não se sabe se esta impressão dizia respeito à eloquência de Fócion ou ao seu modo de vida e reputação, pois Demóstenes pensava que uma só palavra ou sinal de cabeça de um homem que inspirasse confiança tinha mais poder do que muitos e longos períodos.

11. 1. Segundo Demétrio de Faleros – que afirma tê-lo ouvido ao próprio já velho – para combater os defeitos físicos Demóstenes usou os seguintes exercícios: libertou-se da falta de clareza e da gaguez, obrigando-se a falar com pequenas pedras na boca e, assim, passou a articular mais nitidamente; a voz exercitava-a em corrida e a subir ladeiras, e pronunciava frases ou versos de um só fôlego. Tinha um grande espelho em casa e, à frente dele, praticava a declamação. 2. De tal maneira ele

discípulo de Aristóteles e seu sucessor à frente do Liceu em Atenas, a partir de 323, data da morte de Alexandre.

²⁸ General ateniense que foi estrategista quarenta e cinco vezes entre 371 e 318. Político incorruptível e conservador, apesar de, na sua acção como estrategista, defender sempre os interesses de Atenas, cooperou com os Macedónios, sendo, por isso, adversário de Demóstenes. Plutarco escreveu também a sua biografia.

considerava importante, para persuadir, o tom de voz e o comportamento de quem fala, que um dia, segundo se conta, um homem foi ter com ele, pedindo-lhe que o defendesse em tribunal, e, ao contar-lhe como fora agredido por um outro, Demóstenes disse: “De certeza que não sofreste nada do que dizes.” Então o homem, elevando a voz, gritou: “Eu, Demóstenes, nada sofri?” Ao que este respondeu: “Por Zeus, agora sim, estou a ouvir a voz de alguém que foi agredido e injustiçado!”

3. Não há dúvida de que as suas declamações agradavam extraordinariamente ao povo em geral, mas os homens mais cultos, entre os quais, Demétrio de Faleros, consideravam as suas inflexões de voz vulgares, grosseiras e complacentes. 4. Já Hermipo conta que Ésion²⁹, questionado acerca dos oradores antigos e dos do seu tempo, respondeu que, qualquer um, ao ouvi-los falar ao povo, ficaria maravilhado com a beleza e a apropriada magnificência das suas palavras, mas que, lidos, os discursos de Demóstenes os ultrapassavam muito na composição e na força persuasiva. 5. Realmente, dizer que os seus discursos escritos são muito duros e austeros não é nenhuma novidade. Mas nas respostas instantâneas ele usava o gracejo. Com efeito, a Demades, que tinha dito: “Demóstenes ensinar-me, a mim? É uma porca a ensinar Atena”, ele respondeu: “Essa mesma Atena foi apanhada há pouco tempo no Colito a cometer adultério.” 6. A um ladrão, a quem chamavam “de bronze” e que tentava provocá-lo por passar noites em vigília a escrever os seus discursos, disse o seguinte: “Eu sei que a minha lâmpada

²⁹ Orador contemporâneo de Demóstenes.

acesa te incomoda. E vós, Atenienses, não vos espanteis com os roubos que se praticam, quando temos ladrões de bronze e muros de argila.” 7. Mas sobre este e outros gracejos, apesar de ter ainda muito mais para dizer, fico por aqui. Convém que os outros aspectos da sua maneira de ser e do seu carácter sejam examinados a partir das suas acções e da sua prática política.

12. 1. Por conseguinte, Demóstenes entregou-se à vida política já a guerra da Fócide tinha começado, como ele próprio diz³⁰ e como se depreende dos discursos contra Filipe. 2. Com efeito, uns foram ditos já depois da derrota dos Focenses, e os mais antigos chegam aos acontecimentos imediatamente anteriores. 3. É também certo que, quando se preparava para pleitear em tribunal a causa contra Mídias, tinha a idade de trinta e dois anos, mas ainda não tinha adquirido fama nem exercia influência na vida política³¹. 4. Parece-me ter sido principalmente

³⁰ Na *Oração da Coroa*, 18. Esta guerra, também conhecida como guerra santa por estar relacionada com a ocupação do santuário de Delfos defendido por uma anfictionia de que fazia parte Tebas, culminou com a derrota dos Focenses em 346 por Filipe II, que apoiou os Tebanos neste conflito.

³¹ Mídias insultou e agrediu Demóstenes no rosto em pleno teatro quando este era *choregos*, ou seja tinha o encargo de pagar as despesas com os coros dramáticos e com o seu mestre, um serviço público de grande prestígio que incumbia aos cidadãos mais ricos, funcionando como um imposto. O incidente ocorreu em 349-348, o que significa que Demóstenes teria nascido em 381-380. Esta é, de resto, a data avançada por Dionísio de Halicarnasso, embora outros testemunhos apontem para 384-383, data actualmente aceite.

essa a razão que o fez rezear e o levou a aceitar dinheiro para desistir da acção contra Mídias, pois normalmente

“não era um homem de coração doce nem de espírito amável”³²

mas violento e veemente quando se tratava da sua própria defesa. 5. Contudo, como via que não era fácil, nem estava à altura da sua força, deitar abaixo um homem como Mídias – bem escudado na riqueza, no dom da palavra e nos amigos – cedeu aos que lhe pediam por ele. 6. É que não me parece que as três mil dracmas, por si só, atenuassem a cólera de Demóstenes, tivesse ele a capacidade e a esperança de vencer.³³ 7. Adoptou como honroso princípio da sua prática política a defesa em justiça dos Helenos contra Filipe, e por ela lutando com afincos logo adquiriu fama e, com os olhos de todos postos em si, foi exaltado pela liberdade com que proferia os discursos; de tal maneira que causou a admiração na Hélade e suscitou a atenção do grande rei, pois para Filipe, ele era o melhor dos oradores e até os que o odiavam reconheciam nele um adversário ilustre. 8. Com efeito, tanto Ésquines como Hipérides, mesmo quando o acusavam, afirmavam estas coisas a seu respeito.

³² Passo da *Iliada* (20. 467).

³³ Com efeito, apesar de ter escrito e publicado um discurso contra Mídias, Demóstenes desistiu da acção, aceitando uma compensação monetária, atitude criticada por Ésquines no discurso *Contra Ctesifonte*, 52.

alvo das mais contraditórias apreciações: ou é louvado pelo fervor republicano e pela defesa dos valores tradicionais que haviam sustentado a república romana; ou se censura a sua tibieza, inconstância, cobardia, egoísmo e enorme vaidade⁶. Como sempre, a verdade, tal como a virtude, deve estar no meio. E é justamente essa desejável equidistância que vamos encontrar na biografia de Plutarco, onde Cícero é apresentado com as qualidades e os defeitos de carácter que, em parte, determinaram os seus sucessos e os seus fracassos.

CÍCERO: ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO E HISTÓRICO

Marco Túlio Cícero nasceu em 106 a.C., em Arpino, uma pequena cidade a cerca de 100 Km de Roma, numa família da aristocracia local, terratenente, da classe dos cavaleiros (*equites*). Cedo o pai o enviou, juntamente com o irmão, Quinto, para Roma, a fim de receberem a educação que lhes permitisse singrar na Urbe. A sua formação não podia, de facto, ser melhor: estudou filosofia, direito, retórica com os mais ilustres mestres das respectivas disciplinas em Roma, em Atenas, em Esmirna e em Rodes. E cedo começou a sua intervenção na vida pública da cidade.

Ao longo deste século I, a República romana foi abalada por sucessivas crises, económicas, sociais

⁶ Refiram-se apenas dois exemplos mais recentes: uma biografia de Cícero que o autor, EVERITT (2001) apresenta como “um exercício de reabilitação”, e os romances da série *Roma sub rosa*, da autoria de Steven Saylor, nos quais a personagem do orador aparece com os defeitos de carácter acima referidos. Veja-se e.g. SAYLOR (1993, 2000).

e políticas, cujo desfecho foi, mais do que uma vez, a guerra civil. Cícero assiste à primeira, entre Mário e Sila, que termina com a longa ditadura deste último. E assiste mais tarde à que opôs Júlio César a Pompeu e que, tal como a anterior, desemboca novamente numa ditadura que se prolonga por alguns anos.

Era a República nos seus últimos estertores. O próprio facto de, em cerca de três décadas apenas, por duas vezes se instaurar uma ditadura à margem da legalidade⁷ é bem o sintoma da gravidade da situação; e a permanência dos ditadores no poder durante períodos alargados de tempo é um sinal claro do perigo em que o Estado romano se encontrava – o de se transformar numa monarquia. Este era o maior receio de homens como Cícero, que abominavam a ideia de governo de um homem só e desejavam ardentemente voltar ao equilíbrio de poderes em que assentava o regime republicano.

O verdadeiro e único foco da sua devoção e da sua lealdade foi, por conseguinte, a constituição republicana, cuja defesa assumiu e para cuja manutenção propunha a *concordia ordinum*, o acordo entre as várias classes sociais – os nobres, designados por *optimates*, os *equites*, ou seja, os cavaleiros, não pertencentes à nobreza tradicional, mas detentores de riqueza e com possibilidade de entrada no Senado, e os *populares*, os apoiantes dos interesses do povo. Mas, na verdade, este era mais um apelo à concórdia do que

⁷ A ditadura era uma forma extraordinária de governo a que se recorria somente em casos extremos, para resolver uma crise pontual, e, por lei, não podia ultrapassar os seis meses.

uma verdadeira proposta política, pois Cícero nunca apresentou medidas concretas que mostrassem a sua exequibilidade. Por outro lado, apesar da sua bem sucedida ascensão política e do prestígio que alcançou, ele próprio nunca reuniu consensos à sua volta, e deu sempre muitos sinais de indecisão relativamente a quem devia apoiar, talvez por gradualmente ir percebendo que nenhuma das forças em conflito em Roma tinha um verdadeiro e, como o seu, idealista amor à República.

Iniciou a carreira de orador e advogado com o discurso em defesa de Quíncio, em 81, mas foi no ano seguinte que teve o seu primeiro caso mais importante, quando aceitou defender Sexto Róscio, acusado de parricídio pelo próprio Sila, que exercia então um governo de terror em Roma. A vitória valeu-lhe o seu primeiro momento de fama, mas o receio de possíveis represálias por parte do ditador, levou-o a partir para Atenas. Aí, e depois em Rodes e Esmirna, tomou íntimo contacto não apenas com mestres de oratória mas com os mestres das três grandes correntes filosóficas gregas de então: o cepticismo, representado pela escola Neo-Académica, herdeira de Platão, o epicurismo e o estoicismo. Só depois da morte de Sila voltou a Roma, ingressando, pouco depois, em 75, na carreira política – o *cursus honorum* – como questor, o que lhe garantiria, a partir do ano seguinte, um assento no Senado. À questura, exercida na Sicília, seguiu-se o cargo de edil, para o qual foi eleito em 70, ano do famoso processo

contra Verres, de cuja acusação se encarregou. A sua vitória sobre Hortênsio, o advogado de defesa, até aí considerado o melhor advogado de Roma, trouxe-lhe uma enorme fama e catapultou-o para o primeiro lugar da vida forense.

Verdadeiro poder político começou a exercer em 66, na qualidade de pretor, visto que, ao contrário das anteriores, esta era uma magistratura *cum imperio*, isto é, com poder, nomeadamente, o de formar um exército. Foi durante a pretura que ele afirmou publicamente, pela primeira vez, o seu apoio a Pompeu, defendendo a lei, proposta pelo tribuno Manílio, que atribuía ao general o comando da guerra contra Mitridates, rei do Ponto, e o poder sobre as províncias da Ásia Menor. Pompeu era um dos homens mais poderosos da época, e por ele Cícero, não sem altos e baixos, demonstrará sempre alguma simpatia e admiração.

Chegou ao consulado, o topo da carreira política, em 63, talvez o ano mais importante da sua vida, tais foram as repercussões que a acção como cônsul teve, em Roma e na sua vida pessoal, praticamente até à sua morte. Com efeito, é do ano do consulado a descoberta da conspiração de Catilina e a decisão, aprovada no Senado e apoiada por todas as classes, de executar cinco conspiradores que, em Roma, e após a expulsão de Catilina, continuavam a projectar um golpe de estado. A responsabilidade política por tal medida – ilegal, pois condenara sumariamente à morte cidadãos romanos – valer-lhe-ia, mais tarde, em 58, o exílio e a confiscação dos seus bens.

No início do ano 61 Pompeu chega a Roma, após ter alcançado estrondosas vitórias contra os piratas e contra Mitridates, e ter anexado a Síria que passava a ser mais uma província romana. Em 60 regressa da Espanha Júlio César, vitorioso também, embora ainda sem o prestígio militar de Pompeu, prestígio que ele próprio viria a adquirir anos depois. Foi eleito cônsul para o ano seguinte. Nesta altura, em Roma, quatro homens se destacavam na cena política: Pompeu, César, Crasso e o próprio Cícero. Para todos eles o Senado, por razões distintas, olhava com desconfiança, temendo perder as suas prerrogativas tradicionais. Júlio César viu nessa circunstância um factor de união que tentou, com sucesso, levar a cabo, formando com Crasso e Pompeu uma aliança, conhecida como primeiro Triunvirato, destinada a ultrapassar as resistências do Senado aos objectivos imediatos de cada um, e assente na promessa de que nenhum deles tomaria medidas políticas que os outros não aprovassem. Cícero, que se mantivera muito tempo hesitante relativamente a tais tentativas de aproximação por parte de César – pois desconfiava da sua ambição, nele vendo um potencial autocrata –, acabou por rejeitar a proposta de participação na aliança, até porque sempre sentira maior afinidade com os princípios aristocráticos que passavam agora a estar sob mais forte ameaça.

Em 58, foi para o exílio, acusado por Clódio, um jovem de uma antiga família patrícia que se fizera adoptar por um plebeu para aceder ao cargo de tribuno, o que lhe concedia o direito de propor e vetar leis. Clódio

fez passar, ou melhor, reactivou uma lei já existente que punia qualquer magistrado responsável pela condenação à morte de um cidadão sem julgamento prévio. Sem o apoio de Pompeu nem de César, antecipou-se à condenação retirando para a Macedónia. Mas, logo no ano seguinte, por intervenção de Pompeu, o Senado aprova o seu regresso, numa altura em que a situação política e social em Roma estava cada vez mais deteriorada, devido à acção verdadeiramente terrorista de Clódio que, com o seu bando, causava sucessivos e violentos distúrbios. Esta não era a primeira vez que um clima deste tipo se instalava na cidade. Com efeito, as próprias condições da urbe, com as suas ruas e vielas estreitas, e o facto de não possuir um corpo policial, facilitava a acção de bandos de arruaceiros que mais não queriam do que perturbar a ordem estabelecida. Cícero voltou, pois, como um possível salvador da cidade, assolada pelo grupo de Clódio e o do seu opositor, mas não menos violento, Milão.

Não durou muito, porém, a esperança de Cícero na possibilidade de equilíbrio de poderes e na restauração e fortalecimento da *dignitas* do Senado, única forma, em seu entender, de garantir a desejada ordem social. Com César ausente de Roma, e com o crescente azedume das relações entre Pompeu e Crasso, a aliança do triunvirato parecia esmorecer, o que talvez fosse ao encontro dos seus desejos. No entanto, em 56, em Luca, de novo se renova a união política dos triúnviros, facto que provoca uma inesperada reviravolta na acção do orador. Apercebendo-se talvez da ineficácia ou inutilidade de

uma posição neutra, e sem poder contar com o apoio dos *optimates*, começou a apoiar o Triunvirato, chegando a discursar a favor de César, quer no Senado, quer na tribuna dos oradores, o que lhe valeu contundentes críticas e acusações de oportunismo. Esta palinódia era, porém, mais aparente que real. Nas cartas aos amigos mais próximos⁸ confessa a sua desilusão e sobretudo o seu orgulho ferido por se encontrar, de alguma maneira, nas mãos de César e de Pompeu.

Afasta-se, então, da vida política, embora continue a sua actividade de advogado, e dedica-se ao estudo e à escrita. De 55 é o tratado de retórica intitulado *De Oratore*, e em 51 termina o *De Republica*, um tratado de teorização política em que expõe as suas ideias sobre o estado ideal.

Em 53, após a morte de Crasso e de seu filho na guerra contra os Partos, é eleito áugure, cargo religioso anteriormente ocupado pelo jovem Crasso e que assume com grande satisfação, dado o prestígio que lhe estava associado. Tratava-se, além disso, de uma outra forma de intervenção pública, dado que os áugures eram uma espécie de intérpretes da vontade dos deuses relativamente à realização dos vários actos políticos da cidade.

A turbulência mantinha-se em Roma e, na sequência dos distúrbios causados pelo assassinato de Clódio por Milão, em 52, Pompeu foi nomeado cônsul extraordinário, mandatado para restaurar a ordem pública. Milão foi levado a tribunal e condenado

⁸ *Att.* 4. 5.

ao exílio, depois de uma das defesas mais frouxas da carreira de Cícero. Com o Triunvirato reduzido a dois elementos, com o crescente sucesso militar de César na Gália que lhe garantia um forte apoio popular, e, sobretudo, com a morte de Júlia, sua filha e esposa de Pompeu, que representava um importante elo de ligação entre ambos, acentuam-se as rivalidades entre dois homens carismáticos que competiam pelo primeiro lugar na cidade.

No Verão de 51, Cícero aceita, embora a contragosto, o governo da província da Cilícia como procônsul, tarefa que desempenha exemplarmente. Tinha deixado uma cidade mergulhada em grande expectativa e ansiedade, pois César estava para regressar da Gália e exigia de novo o consulado. E quando voltou, no ano seguinte, encontrou Roma à beira de uma guerra civil. Começou por tentar reconciliar as partes em conflito, mas os acontecimentos precipitaram-se. Em 49 é aprovado um *ultimatum*, ordenando a César o desmantelamento das suas tropas para poder apresentar-se em Roma como candidato, mas este atravessa com elas o Rubicão, rio que marcava o limite da Itália, e dirige-se para a Urbe. Pompeu resolve sair da cidade com a sua comitiva de Senadores e magistrados e ruma em direcção à Campânia, decisão que desagradou profundamente a Cícero, empenhado ainda na defesa de uma solução pacífica. Esta era, porém, cada vez mais difícil e a própria posição neutral assumida pelo orador começava a tornar-se insustentável. César pede-lhe directamente apoio, mas Cícero recusa e acaba

províncias recentemente anexadas por Pompeu, vender, como seus, os bens do Estado, acusar e enviar para o exílio quem entendesse, fundar cidades, tirar dinheiro do Tesouro público, inscrever e sustentar os soldados de que precisasse. 3. Muita gente ilustre apoiava esta lei, e, antes de todos, António, o colega de Cícero, que esperava ser um dos dez. Ao que parece, ele sabia do plano revolucionário de Catilina mas não o condenava, porque tinha muitas dívidas. Esse era o problema que mais afectava os aristocratas. 4. Para remediar este mal, Cícero começou por lhe atribuir a administração da Macedónia e recusou para si próprio a oferta do governo da Gália. Com este favor conseguiu, em defesa da pátria, que António, tal um actor contratado, o secundasse, desempenhando o segundo papel. 5. Depois de o ter dominado e amansado, Cícero voltou-se com mais confiança para os revolucionários. Atacou aquela lei no Senado, perturbando de tal maneira os seus proponentes que eles nada contrapuseram. 6. Mas quando, prontos a atacar de novo, intimaram os cônsules a apresentarem-se diante do povo, Cícero não se deixou intimidar, mas avançou e ordenou aos senadores que o seguissem, e não apenas fez rejeitar aquela lei, como ainda conseguiu que os tribunos renunciassem às outras, de tal maneira foram dominados pelas suas palavras.

13.1. Na verdade, foi ele quem melhor soube mostrar aos Romanos que a eloquência torna o bem atraente e a justiça é invencível se for expressa de forma correcta; e que, para governar com harmonia, é

necessário, nas acções, pôr sempre o bem à frente do agradável e, nas palavras, dar relevo ao que é proveitoso, afastando o que nele haja de desagradável. 2. Um outro exemplo do seu poder de sedução no uso da palavra é o que aconteceu durante o seu consulado a respeito dos espectáculos. No início, nos teatros, os cavaleiros estavam misturados com a multidão, assistindo às representações entre o povo, ao acaso. O primeiro a conceder honra aos cavaleiros, separando-os dos restantes cidadãos, foi o pretor Marco Otão, que lhes atribuiu um lugar próprio – que ainda hoje lhes está reservado.³⁴ 3. O povo tomou isto como uma ofensa e, quando ele apareceu no teatro, vaiaram-no, enquanto os cavaleiros o receberam entusiasticamente com aplausos. O povo intensificou os assobios e estes os aplausos, 4. até que se voltaram uns contra os outros, insultando-se mutuamente, e no teatro instalou-se grande desordem. Acorreu Cícero, informado da situação, e chamou os populares ao santuário de Enio³⁵ onde os advertiu e censurou. O resultado foi que, quando voltaram ao teatro, começaram a aplaudir Otão vivamente e a rivalizar com os cavaleiros na honra e glória que prestavam ao homem.

14.1. Quanto a Catilina e aos conjuradores, embora a princípio tivessem ficado intimidados e receosos, de novo começaram a tomar coragem: reuniam-se, exortando-se uns aos outros a tomarem

³⁴ Referência à *lex Roscia theatralis* introduzida por Róscio (e não Marco) Otão, que foi, não pretor, mas tribuno da plebe no ano 67.

³⁵ Deusa da guerra a quem os Romanos chamavam Belona.

conta da situação com mais audácia antes do regresso de Pompeu, de quem se dizia que estava para chegar com as suas forças. 2. Mas quem mais incitava Catilina eram os antigos soldados de Sila, que se encontravam espalhados por toda a Itália, embora a maioria – e os mais belicosos – estivesse distribuída pelas cidades etruscas, sonhando com novos roubos e pilhagens das riquezas à sua disposição. 3. Chefiados por Mânlio, um daqueles homens que se distinguiram como soldados sob o comando de Sila, tinham-se aliado a Catilina e vindo a Roma apoiar a sua candidatura. É que ele tentava de novo o consulado, planeando matar Cícero na confusão do dia das eleições. 4. Parecia que até a divindade enviava sinais do que estava para acontecer através de trovões, tremores de terra e aparições³⁶. Porém, era dos homens que vinham os verdadeiros sinais, apesar de não serem ainda suficientes para servirem de prova contra um homem de grande prestígio e muito poderoso, como Catilina. 5. Foi por isso que Cícero adiou as eleições, chamou Catilina ao Senado e interrogou-o acerca do que se dizia. 6. Este, pensando serem muitos os senadores que desejavam a revolução, e querendo, ao mesmo tempo, exhibir-se perante os conjuradores, deu a Cícero uma resposta perturbadora: “existem dois corpos: um magro e enfraquecido, mas com cabeça, e o outro sem cabeça, mas forte e grande. Qual é o mal de desejar colocar sobre este uma cabeça?”³⁷

³⁶ É o próprio Cícero que refere estes sinais na terceira Catilinária (18), nome com que ficaram conhecidos os discursos que escreveu contra Catilina.

³⁷ Cf. Cícero, *Mur.* 25. 51.

7. Referia-se com estas palavras enigmáticas ao Senado e ao povo, respectivamente, e isso fez aumentar o receio de Cícero. Por essa razão, protegeu-se com uma couraça e os homens mais fortes e muitos jovens passaram a escoltá-lo, quando vinha de sua casa para o vale. 8. E, para mostrar aos que o observavam o perigo em que se encontrava, soltava um pouco a túnica nos ombros, de propósito, deixando à mostra a couraça³⁸. Os que assistiam a isto ficavam indignados e uniam-se à sua volta, e, por fim, votaram de novo contra Catilina e elegeram como cônsules Silano e Murena.

15.1. Não muito tempo depois, estavam já as tropas de Catilina reunidas na Etrúria e organizadas em coortes³⁹, e era próximo o dia marcado para o ataque, chegaram a casa de Cícero, por volta da meia-noite, Marco Crasso, Marco Marcelo e Cipião Metelo, os mais importantes e poderosos dos Romanos. Bateram à porta, chamaram o porteiro e ordenaram-lhe que acordasse Cícero e o informasse da presença deles. 2. O assunto era o seguinte: o porteiro de Crasso entregara-lhe, depois do jantar, umas cartas, trazidas por um desconhecido e dirigidas a várias pessoas, e entre elas uma anónima, dirigida a Crasso, 3. a única que ele leu. Como a carta dizia que Catilina ia realizar um grande massacre e o aconselhava a sair secretamente da cidade, Crasso, sem

³⁸ Cf. Cícero, *Mur.* 26. 52.

³⁹ As coortes, as unidades táticas do exército romano a partir das reformas de Mário, eram os dez subgrupos resultantes da divisão de uma legião. Cada coorte tinha três manípulos, cada manípulo duas centúrias.

abrir as outras, foi logo ter com Cícero, para se livrar do perigo de qualquer acusação que lhe movessem devido à sua amizade com Catilina. 4. Depois de deliberar, Cícero convocou o Senado logo ao romper do dia, levou as cartas e deu-as aos destinatários, pedindo-lhes que as lessem em voz alta. Todas falavam igualmente da trama. 5. E quando Quinto Árrio, que tinha sido pretor⁴⁰, anunciou que as coortes estavam na Etrúria e havia notícia de que Mânlio ameaçava as cidades da região com as suas forças e todos os dias esperava alguma novidade vinda de Roma, o Senado decretou que o assunto fosse confiado aos cônsules e que estes se encarregassem o melhor que soubessem da administração e da salvação da cidade. Ora só muito excepcionalmente, e quando receava algo de grave, o Senado tomava este tipo de decisões.

16.1. Assumindo este poder, Cícero confiou os assuntos externos a Quinto Metelo⁴¹ e tomou as rédeas da cidade, saindo todos os dias escoltado por um tão grande número de homens que ocupava uma boa parte do fórum quando lá chegava com os seus acompanhantes. Catilina, sem paciência para esperar mais, decidiu ir em pessoa ter com Mânlio e o seu exército e ordenou a Márcio e a Cetego⁴² que pegassem em espadas e se dirigissem de manhã cedo à porta de

⁴⁰ No ano 73.

⁴¹ Quinto Metelo era então pretor e haveria de ser cônsul em 60.

⁴² Segundo o próprio Cícero, no discurso *Em defesa de Sila*, e também segundo Salústio, os homens eram antes o cavaleiro Gaio Cornélio e o senador Lúcio Vargunteio.

Cícero como se fossem cumprimentá-lo, se lançassem sobre ele e o matassem. 2. Fúlvia, uma mulher da classe elevada, foi de noite contar isto a Cícero e aconselhou-o a precaver-se contra Cetego e os seus seguidores. 3. Estes chegaram logo pela manhã, mas, como foram impedidos de entrar, ficaram irritados e começaram a gritar à porta, o que os tornou ainda mais suspeitos. Em seguida, Cícero saiu e convocou o Senado para o templo de Zeus *Stesios*, a quem os Romanos chamam *Estator*⁴³, situado no começo da Via Sacra, quando se sobe para o Palatino. 4. Entretanto também Catilina para lá foi com os outros, para se defender, mas nenhum senador aceitou sentar-se ao lado dele, e todos se afastaram do seu lugar. 5. Quando começou a falar, foi acolhido com ruidosas demonstrações de protesto, até que, por fim, Cícero se levantou e deu-lhe ordem para abandonar a cidade, dizendo que, se ele próprio exercia o poder por meio das palavras e o outro usava as armas, então a muralha da cidade tinha de estar entre ambos. 6. Catilina saiu logo com trezentos homens armados, e, rodeado de *fascēs* e machados como se fosse um magistrado⁴⁴, ergueu os estandartes e pôs-se a caminho para se juntar a Mânlio. Depois de reunir cerca de vinte mil homens, foi pelas cidades, persuadindo-as à revolta; e de tal maneira se

⁴³ Epíteto de Júpiter que significa ‘o que faz parar (os inimigos)’.

⁴⁴ Os *lictiores* que acompanhavam os altos magistrados romanos, cônsules e pretores, transportavam sobre o ombro esquerdo um feixe (*fascēs*) de varas, no meio do qual estava um machado, de que se via apenas a parte de ferro. O número de *lictiores* e de *fascēs* indicava o poder dos magistrados.

instalou a guerra aberta que António⁴⁵ foi enviado de Roma para o combater.

17.1. Quanto àqueles que tinham sido corrompidos por Catilina e se encontravam na cidade, quem os mantinha unidos e os encorajava era Cornélio Léntulo, de sobrenome Sura, homem de família ilustre mas que levava uma vida indigna e que, devido aos seus costumes dissolutos, fora anteriormente afastado do Senado, sendo à época pretor pela segunda vez, como é habitual quando se pretende recuperar a dignidade senatorial⁴⁶. 2. Diz-se que tinha adquirido o sobrenome Sura pela seguinte razão: nos tempos em que fora questor sob o governo de Sila, ele havia desbaratado e perdido grande quantidade dos dinheiros públicos. 3. Sila ficou furioso e exigiu uma justificação no Senado. Então Léntulo, sem mostrar qualquer preocupação e com altivez, afirmou que não dava explicações, mas oferecia a sua perna, tal como costumam dizer as crianças sempre que cometem um erro a jogar à bola. 4. Por isso foi chamado Sura, pois essa é a palavra com que os Romanos designam a perna. Numa outra ocasião em que foi a tribunal e subornou alguns juizes, conseguindo escapar apenas por dois votos, disse que tinha feito uma despesa em vão ao pagar ao segundo juiz, pois bastava um voto para ser libertado. 5. Sendo ele assim por natureza e ainda instigado por Catilina, deixou-se levar pelas esperanças vãs de alguns charlatões

⁴⁵ Trata-se do colega de Cícero no consulado.

⁴⁶ Públio Cornélio Léntulo fora pretor em 74 e cônsul em 71. O seu afastamento do Senado deu-se em 70.

e falsos profetas que lhe recitavam, como se viessem dos livros sibilinos⁴⁷, palavras forjadas e oráculos, anunciando que três Cornélios estavam destinados a ser monarcas em Roma. Como dois deles – Cina e Sila – já haviam cumprido esse destino, a divindade viria trazer a monarquia ao Cornélio que restava, o terceiro, sendo preciso aceitá-la completamente e não adiar nem deixar escapar a ocasião como Catilina.

18.1. Em consequência disto, Lêntulo tinha em mente uma desgraça sem remédio: acabar com o Senado inteiro e, dos restantes cidadãos, com todos os que fosse possível; decidiu, além disso, incendiar toda a cidade e não poupar ninguém a não ser os filhos de Pompeu; a esses resolveu mantê-los a salvo como reféns para os usar na reconciliação com Pompeu. É que já corria por todo o lado e era digno de crédito o rumor acerca do seu regresso da grande campanha militar. 2. Por isso, fora fixada para o ataque uma noite das Saturnais⁴⁸, e os revoltosos tinham escondido em casa de Cetego espadas, estopas e enxofre. 3. Escolheram cem homens que se repartiram por igual número de lugares em Roma, para que, com tantos focos, a cidade fosse incendiada por todos os lados em pouco tempo⁴⁹. Os outros tinham a incumbência de

⁴⁷ Os Livros Sibilinos eram escritos proféticos muito antigos, compostos em hexâmetros, e que os Romanos, supersticiosos que eram, consultavam em momentos de crise.

⁴⁸ A data oficial para as Saturnais, festas em honra de Saturno, era o dia 17 de Dezembro, embora, na prática, se prolongassem por mais alguns dias.

⁴⁹ Segundo Salústio (*Cat.* 43) e Apiano (2. 3) eram apenas doze e não cem os lugares previstos para os incêndios.

PAUSÂNIAS: *DEM.* 22. 2
PÉLOPS DE BIZÂNCIO: *Cíc.* 24. 9
PERDICAS: *DEM.* 31. 5
PÉRICLES: *DEM.* 6. 5; 9. 2; 13. 6; 20. 1; *Cíc.* 39. 5
PERINTÍOS: *DEM.* 17. 2
PIREU: *DEM.* 1. 2; 6. 5
PISÃO, (CAIO CALPÚRNIO PISÃO FRUGI): *Cíc.* 31. 3-4; 41. 7
PISÃO, (CAIO CALPÚRNIO): *Cíc.* 19. 1
PISÃO, (LÚCIO CALPÚRNIO PISÃO CESONINO): *Cíc.* 30. 2
PÍTEAS: *DEM.* 8. 4, 5; 20. 2; 27. 2, 4, 5; *COMP. DEM.* e *Cíc.* 1. 4
PÍTON: *DEM.* 9. 1
PÍTIA: *DEM.* 19. 1; 20. 1; *Cíc.* 5. 1
PLATÃO: *DEM.* 5. 7; *Cíc.* 2. 3; *COMP. DEM.* e *Cíc.* 3. 4
POLIEUCTO: *DEM.* 10. 3; 13. 6; 23. 4
POLO: *DEM.* 28. 3
POMPEIOS: *Cíc.* 8. 3
POMPEIA: *Cíc.* 28. 2-4
POMPEU: *Cíc.* 8. 6-7; 9. 4, 7; 10. 2; 12. 2; 14.1; 18. 1; 23. 4; 26. 10;
30. 3, 5; 31. 2-3; 33. 2-4; 35. 1, 5; 37. 1-3; 38. 1-2, 6-8; 39. 1; 40.
4-5; 44. 3; *COMP. DEM.* e *Cíc.* 3. 1
POMPEU, O JOVEM (GNEU POMPEU MAGNO): *Cíc.* 39. 2
POMPÓNIA: *Cíc.* 49. 2
PONTO: *Cíc.* 10. 2
PÔNCIO GLAUÇO: *Cíc.* 2. 3
POMPÍLIO: *Cíc.* 48. 1
POSÉIDON: *DEM.* 29. 1, 6
POSIDÓNIO: *Cíc.* 4, 5
QUERONDAS: *DEM.* 24, 2
QUERONEIA: *DEM.* 19. 2; 21. 2, 4; 24. 2
QUINTO, IRMÃO DE CÍCERO: *Cíc.* 20. 3; 33. 4; 47. 3-4; 48. 2; 49. 2
RODES: *DEM.* 24. 3; *Cíc.* 4. 5; 36. 7
RÓDIOS: *Cíc.* 38. 4
ROMA: *DEM.* 2. 2
RÓSCIO (SEXTO): *Cíc.* 3. 5
RÓSCIO, O CÓMICO: *Cíc.* 5. 4
SABINO: *Cíc.* 25. 1
SACRA, VIA: *Cíc.* 16. 3; 22. 2
SARDES: *DEM.* 20. 5
SÁTIRO: *DEM.* 7. 1
SATURNAIS: *Cíc.* 18. 2
SEXTO PÚBLIO: *Cíc.* 26. 8

SIBILINOS, LIVROS: *DEM.* 19. 1; *Cíc.* 17. 5
SICÍLIA: *Cíc.* 1. 6; 6. 1-2; 7. 4-6; 8. 2; 31. 6; 32. 2; *COMP. DEM. e Cíc.* 3. 3, 7
SILANO: *Cíc.* 14. 8
SILA: v. CORNÉLIO SILA
SÍRIA: *Cíc.* 12. 2; 26. 1, 10; 30. 2; 36. 2; 43. 3
SÓFOCLES: *DEM.* 7. 3
SÓSIOSENECIÃO: *DEM.* 1. 1; 31. 7
SULPÍCIO GAIO: *Cíc.* 19. 2
SUSA: *DEM.* 14. 2
TARANTO: *Cíc.* 39. 4
TEBAS: *DEM.* 18. 1
TEMÍSTOCLES: *COMP. DEM. e Cíc.* 4. 3
TEÓFANES, DE LESBOS: *Cíc.* 38. 4
TEOFRASTO: *DEM.* 10. 2; 14. 4; 17. 4; 25. 8; *Cíc.* 24. 6
TEOPOMPO: *DEM.* 4. 1; 13. 1; 18. 2, 3; 21. 2
TEÓRIS: *DEM.* 14. 6
TERÂMENES: *Cíc.* 39. 5
TERÊNCIA: *Cíc.* 8. 3; 20. 2-3; 29. 2-4; 30. 4; 41. 2, 4
TERMODONTE: *DEM.* 19. 1-3
TÉRCIA: *Cíc.* 29. 5
TIESTES: *Cíc.* 5. 5
TIMÓCRATES: *DEM.* 15. 3
TIMÓTEO: *DEM.* 15. 1
TIRÃO: *Cíc.* 41. 4; 49. 4
TITO, DE CROTONA: *Cíc.* 18. 6
TRASIDEU: *DEM.* 18. 2
TREBÁCIO: *Cíc.* 37. 4
TUCÍDIDES: *DEM.* 6. 1; 13. 6
TÚLIA: *Cíc.* 41. 8
TÚLIO ÁTIO: *Cíc.* 1. 2
TULO DE TARENTO: *Cíc.* 29. 3
TÚRIOS: *DEM.* 28. 3
TÚSCULO: *Cíc.* 40. 3; 47. 1
VATÍNIO: *Cíc.* 9. 3; 26. 2
VERRES (GAIO): *Cíc.* 7. 3-8; 8. 1
VESTAIS: *Cíc.* 19. 5
VÍBIO SICA: *Cíc.* 32. 2
VIBO: v. HIPÓNIO
VIRGÍLIO, GAIO: *Cíc.* 32. 2
VOCÓNIO: *Cíc.* 27. 4
VOLSCOS: *Cíc.* 1. 2

XÉNOCLÉS DE ADRAMITEU: *Cíc.* 4. 5

ZEUS, SANTUÁRIO DE: *Cíc.* 16. 3

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

8. Carlos de Jesus: Plutarco. *Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas Paralelas – Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

